



PODER

Governo age em canais alternativos para tentar abrir as negociações e evitar o tarifaço, previsto para vigorar a partir da próxima sexta-feira. Contatos foram feitos com os secretários de Comércio e do Tesouro dos EUA por Alckmin e Haddad

Sem acesso a Trump, ação é por vias paralelas

Cadu Gomes/VPR



Anna Moneymaker/Getty Images via AFP



» FABIO GRECCHI
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» FERNANDA STRICKLAND

Faltando sete dias para entrar em vigor o tarifaço do presidente Donald Trump, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva esbarra na falta de uma conexão direta com a Casa Branca, que tem centralizado as negociações sobre as taxações que vêm sendo impostas aos parceiros comerciais. Os esforços brasileiros têm mantido contatos, por ora, com personagens do primeiro escalão do governo de Washington e setores empresariais norte-americanos que sairão perdendo com o encarecimento dos produtos exportados para os Estados Unidos, na expectativa de que possam encaminhar as demandas aos auxiliares diretos de Trump.

O mais perto que o Brasil chegou da Casa Branca foi a conversa, em 19 de julho, do vice-presidente Geraldo Alckmin — que está à frente das negociações como representante do governo por acumular o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços — com o secretário de Comércio dos EUA, Howard Lutnick. A ideia do Palácio do Planalto é colocar a situação em bases exclusivamente técnicas e evitar a contaminação ideológica. Afinal, Trump anunciou que o tarifaço seria imposto ao Brasil por discordar do processo ao qual o ex-presidente Jair Bolsonaro responde, no Supremo Tribunal Federal (STF), por tentativa de golpe de Estado.

“Tivemos uma conversa longa com o secretário Lutnick, que entendo importante, colocando todos os pontos e destacando o interesse do Brasil na negociação. O presidente Lula tem orientado que a negociação não tenha contaminação política, nem ideológica. É para centrar na busca de solução para a questão comercial”, frisou Alckmin.

Quem também entrou no circuito no sentido de tentar alcançar a Casa Branca foi o ministro Fernando Haddad, da Fazenda, cuja pasta abriu contato com a Secretária do Tesouro dos EUA. Ele, inclusive, conversou com o secretário Scott Bessent e dele escutou que é o comando do governo norte-americano que vem enfiando todas as negociações relacionadas às tarifas comerciais.

Isso, porém, não quer dizer que esse

primeiro contato tenha sido infrutífero. Ao contrário, há a percepção de auxiliares de Haddad de que criou-se uma ponte com um integrante do primeiro escalão do governo Trump. Conforme avalia, isso favorece o trabalho bilateral para levar adiante as tratativas contra o tarifaço, assim que se criem as condições de uma conversa direta entre Trump e Lula.

“Conversador”

Enquanto não há uma linha direta entre a Casa Branca e o Palácio do Planalto, o presidente vem aproveitando todos os eventos de que participa para registrar publicamente que o Brasil está pronto para conversar tão logo os EUA queiram. Ontem, Lula exaltou as habilidades

de Alckmin ao classificá-lo como “exímio” negociador. “Querida dizer para Trump, outra vez, que esse moço aqui (Alckmin) é meu vice-presidente. É o cara mais calmo que eu conheço na vida. Esse cara é um exímio negociador. Ele não levanta a voz. Ele só quer conversar”, elogiou, em discurso no evento sobre urbanização de favelas, em Osasco (SP).

Também Lula se disse disposto a negociar com os EUA. E mandou mais um recado para o presidente norte-americano. “Trump: no dia em que você quiser conversar, o Brasil estará pronto e preparado para discutir, para tentar mostrar o quanto você foi enganado com as informações que te deram. E quando você souber da verdade, você vai falar: ‘Lula, eu não vou mais taxar o Brasil, vou ficar do jeito que

está”, afirmou.

Lula, porém, reforçou que a disposição para o diálogo não significará que o Brasil aceitará imposições. “Estamos tranquilos, estamos discutindo, queremos ouvir de verdade o que vai acontecer. E, aí, vamos tomar nossas posições”, observou.

Essa disposição de Lula não quer dizer, porém, que os eventos de que tem participado não sirvam para atacar o ex-presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores. E ontem não foi diferente. Classificou-os de “sem-vergonha” e “traidores da pátria” por apoiarem o tarifaço. “Estão, agora, agarrados na bota do Trump pedindo intervenção no Brasil. Só tenho mais uma coisa a dizer: quem manda neste país são os brasileiros”, reforçou.

Segundo Lula, “o Brasil é um país que

não gosta de confusão, é um país que negocia. Já fizemos mais de 10 reuniões com representantes dos Estados Unidos sobre as tarifas. Ninguém pode dizer que não estamos negociando, pois estou colocando o meu companheiro Alckmin para isso.”

O presidente voltou a afirmar que a tentativa de Trump de praticar numa intervenção sobre o STF em favor de Bolsonaro é uma afronta à soberania. “Os chamados patriotas estão pedindo favor para os EUA. Isso não é patriotismo. Isso é traição. A família Bolsonaro está agarrada nas botas dos EUA. Isso é se colocar contra o Brasil”, provocou.

Além das críticas, o presidente voltou a cobrar que as big techs respeitem a legislação brasileira, reforçando a importância da regulação das plataformas digitais.

Tivemos uma conversa longa com o secretário Lutnick, que entendo importante, colocando todos os pontos e destacando o interesse do Brasil na negociação. O presidente Lula tem orientado que a negociação não tenha contaminação política, nem ideológica. É para centrar na busca de solução para a questão comercial”

Vice-presidente Geraldo Alckmin, sobre o saldo do contato com Howard Lutnick (à direita), em 19 de julho

Missão e CNI buscam pontes; Flávio, a anistia

» RAFAELA GONÇALVES
» ALÍCIA BERNARDES*

A missão oficial do Senado desembarca, segunda-feira, em Washington, para manter contatos cujos resultados, se não forem suficientes para evitar que o tarifaço imposto pelo presidente Donald Trump entre mesmo em vigor na próxima sexta-feira, ao menos que se abram caminhos para futuras negociações. Por três dias, o grupo terá reuniões com congressistas norte-americanos, lideranças empresariais, representantes de organismos multilaterais e autoridades do Executivo dos Estados Unidos, incluindo o Escritório do Representante Comercial e, possivelmente, o Departamento de Estado. A agenda prevê reuniões na Embaixada do Brasil na capital norte-americana e na sede da U.S. Chamber of Commerce, em articulação com o Brazil-U.S. Business Council.

O principal objetivo da comitiva, segundo o senador Nelsinho Trad (PSD-MS), presidente da Comissão de Relações Exteriores (CRE) do Senado e que está à frente da comitiva, é de construção e o diálogo. “A missão reafirma o compromisso do Brasil com uma parceria histórica, estratégica e baseada na confiança. Não viemos confrontar, mas promover diálogo qualificado. Queremos evitar prejuízos para empregos, cadeias produtivas e relações de

longo prazo”, afirma.

Segundo Nelsinho Trad, a diplomacia parlamentar se torna necessária em um momento em que os canais tradicionais encontram dificuldades. “O Itamaraty tem feito esforços, mas ainda não houve resposta formal dos EUA. O Senado atua dentro do agravamento da crise. Quando a via diplomática se fecha, a diplomacia parlamentar precisa agir com maturidade e legitimidade”, explicou.

A delegação inclui os senadores Tereza Cristina (PP-MS), vice-presidente da CRE; Jaques Wagner (PT-BA), líder do governo no Senado; Astronauta Marcos Pontes (PL-SP), vice do grupo Brasil-EUA; Rogério Carvalho (PT-SE), Carlos Viana (Podemos-MG), Fernando Farias (MDB-AL) e Esperidião Amin (PP-SC). A composição da missão busca representar estados exportadores e diferentes visões políticas em torno da pauta.

Apesar do curto prazo para reversão do tarifaço, a missão acredita que o esforço atual pode mitigar danos e abrir caminho para soluções no médio e longo prazos. A expectativa é de que os encontros em Washington ajudem a conter uma escalada protecionista que já apresenta efeitos negativos nos dois países — inclusive, com aumento de preços ao consumidor e riscos de desabastecimento no mercado norte-americano.

Edilson Rodrigues/Agência Senado



Em outra frente, o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Ricardo Alban, afirmou que a entidade pretende liderar uma missão empresarial aos EUA nas próximas semanas, com o objetivo de contribuir para as negociações contra o tarifaço. “Estamos a uma semana da possível entrada em vigor das novas tarifas de 50%, o que acredito e espero que não aconteça — ou que sejam suspensas, ou que tenhamos sucesso no que tanto solicitamos, que é uma prorrogação mínima de 90 dias”, disse Alban, no Fórum Nacional da Indústria.

Apesar da articulação em andamento, ainda não há definição sobre a data da viagem. A previsão era realizar a missão antes

de 1º de agosto, mas, segundo o presidente da entidade, dificuldades logísticas devem adiar a viagem em duas ou até três semanas.

“Dever de casa”

No sentido oposto, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) afirmou, ontem, em entrevista à CNN, que a solução para o tarifaço “não está nos Estados Unidos”. O parlamentar sustentou que, “se o Brasil fizer o dever de casa, acaba a sanção no mesmo dia”. “Se a gente fizer eleições com Jair Bolsonaro nas urnas, não vai ter mais a qualificação, pela maior democracia do mundo, de nos tratar como se fosse Venezuela”, indicou.

Se a gente fizer eleições com Jair Bolsonaro nas urnas, não vai ter mais a qualificação, pela maior democracia do mundo, de nos tratar como se fosse Venezuela”

Senador Flávio Bolsonaro, condicionando a suspensão do tarifaço à anistia ao pai

Na entrevista, Flávio repetiu o discurso dos aliados do pai de que o Congresso deve votar a anistia para resolver o tarifaço — o que tem sido considerado uma chantagem em detrimento da população e em benefício do ex-presidente. Ele acredita que a comitiva de senadores não obterá qualquer resultado.

“Até entendendo a boa vontade de alguns ou de demonstrar um esforço com o segmento que o parlamentar representa”, disse, acrescentando que a comissão está “fada ao fracasso” e que a anistia seria o único modo de evitar as tarifas.

***Estagiária sob a supervisão de Fábio Grecchi**